

A ECONOMIA ANCESTRAL E OS REGISTROS RUPESTRES

ANCESTRAL ECONOMY AND ROCK ART RECORDS

Michel Justamand¹, Ana Cristina Alves Balbino², Cristiane de Andrade Buco³,
Gabriel Frechiani de Oliveira⁴, Vitor José Rampaneli de Almeida⁵ y Leandro Paiva⁶

Recibido 22 abril 2022. Aceptado 14 septiembre 2022

Resumo: Este artigo tem a intenção de relacionar as artes rupestres, produzidas nas rochas do Parque Nacional Serra da Capivara – PI, ancestralmente, com algumas questões econômicas, que por ventura, suscitem. Entre elas estão as cenas de caça, coleta e relação com o meio ambiente em geral. Reciprocidade, troca e redistribuição serão temas abordados por terem conexões, ao nosso modesto ver, com o que se produziu e construiu naqueles tempos imemoriais. Baseamos as análises em alguns escritos de Marshall Sahlins, Steve Mithen entre outras/os.

Palavras-chave: economia ancestral, arte rupestre, registros visuais, Piauí, Brasil.

Abstract: This paper attempts to link the rock art produced in ancestral times on the rocky walls of the Sierra de Capivara National Park, Piauí (PI) with some economic issues they could raise. The images include hunting, collecting and general relations with the natural environment scenes. We will approach issues such as reciprocity, exchange and redistribution because, in our humble opinion, they present connections with what was produced in those immemorial times. Our analysis finds support in certain texts written by Marshall Sahlins and Steven Mithen, among others.

Key words: ancestral economy, rock art, visual records, Piauí, Brazil

Resumen: Este artículo pretende relacionar las artes rupestres –grabadas en tiempos ancestrales sobre las rocas del Parque Nacional Sierra de Capivara, en Piauí (PI)– con algunas cuestiones económicas que puedan suscitar. Las imágenes representan escenas de cacería, de recolección y de relación con el medioambiente en general. Abordaremos temas como la reciprocidad, el intercambio y la redistribución porque, a nuestro modesto entender, presentan conexiones con aquello que se produjo y se construyó en esos tiempos inmemoriales. Nuestro análisis halla sustento en ciertos textos de Marshall Sahlins y Steven Mithen, entre otras/os.

Palabras clave: economía ancestral, arte rupestre, registros visuales, Piauí, Brasil.

*A incompreensão do presente nasce, fatalmente, da
ignorância do passado.*

Marc Bloch

*A estabilidade é o traço mais característico de todas as
formas de cultura primitiva, isso pela simplicidade e falta de
variedade de técnica. Quanto menos inovações introduzidas
uma cultura, mais ela tende a permanecer uniforme.*

Richard Thurnwald

ferramentas para a sobrevivência, ajudavam a manter a constante aquisição e fluxo de informações (Mithen, 2005). Em específico nas cenas de representações de animais sendo caçados e ou de coletas de frutos das árvores pintadas nas rochas do parque piauiense (Figura 1).

Introdução

A proposta para este ensaio surgiu a partir de leituras de obras, artigos, capítulos e livros sobre as questões econômicas das sociedades ditas primitivas e em pesquisas de campo, feitas por alguns de nós, nos sítios arqueológicos com artes rupestres no Brasil, em especial no Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC¹, no estado do Piauí. Trabalhamos com a ideia de que existem conexões entre as produções rupestres e a economia das sociedades pretéritas que as realizaram. As artes rupestres eram

¹ Universidade Federal do Amazonas - UFAM (Campus de Benjamin Constant/AM). <https://orcid.org/0000-0001-6944-5890>

² Universidade Paulista – UNIP. <https://orcid.org/0000-0003-3172-7942>

³ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (Superintendência do Ceará). <https://orcid.org/0000-0002-0909-7254>

⁴ Secretaria de Educação do Estado do Piauí – SEDUC/PI. <https://orcid.org/0000-0003-3528-2944>

⁵ Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP/São Paulo. <https://orcid.org/0000-0001-8470-2672>

⁶ Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. <https://orcid.org/0000-0002-6135-4051>



Figura 1. Coleta do mel. Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca, PNSC, Piauí. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

Essas ditas sociedades ancestrais foram, supostamente, fundadas em atividades de caça, coleta e pesca, mas também em outras atividades, não necessariamente relacionadas diretamente com as questões econômicas, como se pensa atualmente. Mas são considerados processos produtivos constituindo atos de apropriação material da natureza pelos seres humanos (Souza, 2002). Sem embargo, pode-se afirmar, algumas dessas sociedades executaram pinturas rupestres e podem ser depreendidas em um macro sociocultural, classificado como caçadores coletores. Desse modo, desenvolveram uma economia alimentar e a produção de equipamentos tecnológicos baseados na coleta de frutas, sementes, raízes, insetos, ovos etc., na caça e na pesca. Nessa direção, para certos estilos gráficos verificados nas pinturas rupestres, sobretudo de cronologia mais recente, é admissível depreender por uma perspectiva de grupos de cultivadores, que se estabeleciam com mais longevidade em agrupamentos mais estáveis (e.g. aldeias) (Étchevarne *et al.*, 2011).

No entorno do PNSC, no município de Coronel José Dias, foi escavada nos anos 80, a Aldeia da Queimada Nova, onde foram evidenciadas manchas de terra preta relacionadas a fundo de cabanas. Percebeu-se que as casas eram de forma elíptica, aproximadamente 11, e que tinham um tamanho que variava entre 20m e 12m dispostas em um perímetro circular; por fora das casas se encontrava fogueiras estruturadas, constituídas por pedras de trempe; foi obtida uma datação de 1.690+/- 110 anos BP (GIF 3225) pelo método do C14 (Maranca, 1991 *apud* Buco & Fidalgo, 2010).

Há no corpus imagético do PNSC representações rupestres que permitiram realizar comparações com aldeias, conforme observa-se na Figura 2.

Não obstante, algumas atividades presentes seriam as da reciprocidade², redistribuição, trocas e domesticidade, promovidas pelas populações que se dedicam a caça, coleta e pesca atualmente, que podem indicar alguns insights para nossas reflexões. Apresentando, alguma, relevância para se buscar entender os modos de lidar com a economia em tempos imemoriais. Pescar, inclusive, que levava pouco tempo entre os grupos, poderia garantir alimentação suficiente para todas/os (Sahlins, 2007). Transformando-se em atividade importante para esses grupos. A terra explorada era comum, bem como todos os seus recursos, numa chamada “gestão coletiva de recursos”, como afirma Mindlin em seus estudos sobre sociedades tribais (1984, p. 88).

Suspeitamos, é bom ser descrito, que as representações rupestres mostram um pouco do que foram essas formas econômicas remotas, vividas em tempos imemoriais. Por esse motivo, nós nos utilizaremos de algumas cenas rupestres para tentar elucidar nossas apreciações.

É sempre adequado frisar que não temos certeza, sobre como foram desenvolvidos e usados, entre os primeiros habitantes das Américas, os conhecimentos das suas rotinas, nem os tipos de vida e, muito menos, suas organizações pretéritas. Esses saberes nos faltam. Temos apenas suposições. Que serão de algum modo debatidas e analisadas nas linhas que seguem. De toda forma,

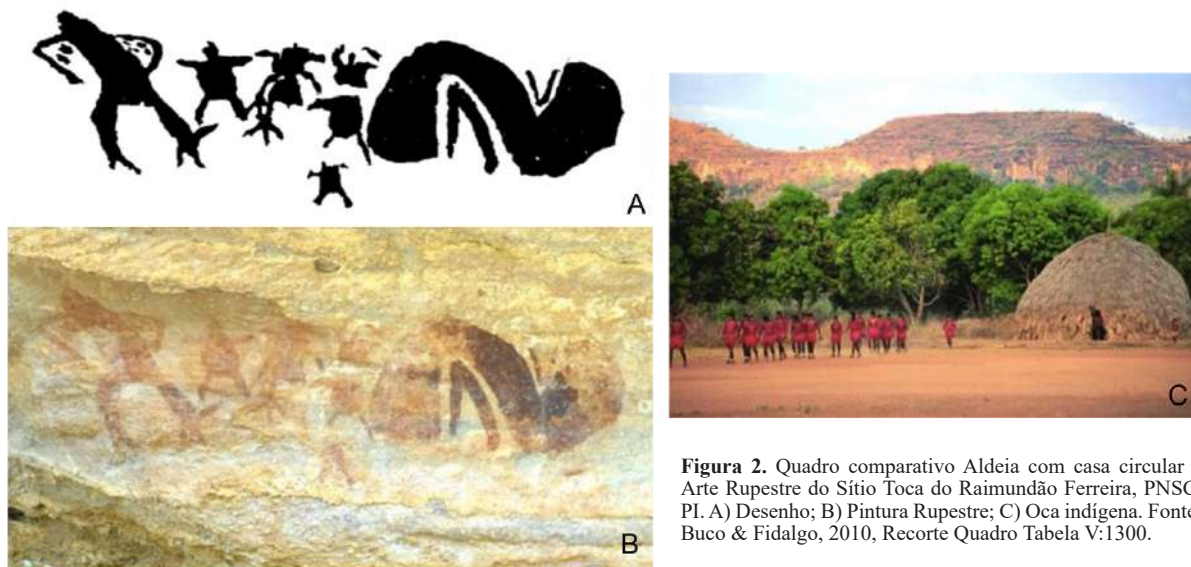


Figura 2. Quadro comparativo Aldeia com casa circular e Arte Rupestre do Sítio Toca do Raimundão Ferreira, PNSC, PI. A) Desenho; B) Pintura Rupestre; C) Oca indígena. Fonte: Buco & Fidalgo, 2010, Recorte Quadro Tabela V:1300.

nossas conjecturas são geradas por meio dos relatos etnográficos, pesquisas de campo antropológicas e ou alguns vestígios arqueológicos, em especial os rupestres. Quem sabe a partir daí possamos construir uma história do que foram as primeiras formas econômicas em terras americanas.

Em quase seis décadas de pesquisa com indígenas do Brasil Central (Alto Xingu), Carmem Junqueira constatou algo indelével. Mesmo com as influências externas da sociedade envolvente (brasileira), o comportamento que mais valorizam, tanto na aldeia como na relação entre aldeias, permaneceu. São eles: “o ato de presentear, a troca de bens, de favores, de gentilezas, a reciprocidade” (Junqueira, 2019). Evidentemente outras/os autoras/es contribuíram com as nossas reflexões e análises. Niède Guidon é uma das autoras que ofereceu as primeiras e basilares ideias para a nossa construção, com a sua carta aos futuros arqueólogos (Guidon, 2004), lembrando que as sociedades mais ancestrais ocupantes das terras brasileiras teriam tido uma vida digna e de qualidade.

Todavia quando R. M. Maclver faz a apresentação do livro *A Grande Transformação – As origens de nossa época* – de K. Polanyi, e descreve que temos que aprender com o passado todas as lições e advertências que sejamos capazes de conseguir (Polanyi, 2000), pensamos que as questões econômicas, aqui levantadas, podem contribuir para que termos exemplos de como lidar e se portar no mundo.

Para início de conversa

Partimos de uma conversa entre um conhecido como economista, engenheiro de formação, ex-sócio de banco, com uma senhora moradora de quilombo, descendente de escravos/as, no interior do estado de Goiás. Ele quer saber sobre os excedentes de produção/colheita, o que se faz com isso naquela comunidade. A sabedoria da tradição econômica ancestral se faz presente, na resposta, da anciã. Quando ela trata da falta da produção do vizinho que não tem, ela diz que entrega graciosamente o excedente que, por ventura, tenha. Apesar de não ter entendido a pergunta, por se tratar de algo muito estranho para ela ter algo a mais e não dividir (Morreira, 2021). O que é muito comum nas sociedades não tradicionais, ditas modernas o que se tem a mais não se distribui, nem se redistribui. Normalmente, claro. Sabemos que há exceções ou momentos em que ocorrem as sensibilizações sociais.

Esse é um exemplo, brasileiro, mas nos trazem, como os de outras partes do mundo, indícios da permanência de um tipo de raciocínio econômico entre os povos ditos iletrados, isolados ou conhecidos como tradicionais. Lembrando Polanyi quando descreve que nenhum agrupamento humano e em qualquer época deixou de ter sua forma de relação econômica (Polanyi, 2000). Grupos humanos que continuam desfrutando de conhecimentos sociais que deveriam nos servir de protótipos às nossas vidas socioeconômicas e culturais (Godelier, 1981).

Ser partícipe de uma sociedade baseada na coleta, caça, pesca, horticultura, é um jeito de viver nessa terra. Há muitos outros modos de viver. São escolhas feitas pelos agrupamentos humanos. Mudar as formas de agir sobre o mundo também tem relação com as escolhas grupais, intergrupais, sociais, comunitárias. Seja em que período for da história da humanidade, conforme nos lembra Ailton Krenak (2019). Nesses escritos a seguir, decidimos tomar como exemplos os saberes das sociedades ditas primitivas, com

base em formatos econômicos pouco ou nada corriqueiros, que tem relação com suas formações familiares, com a natureza, com outros animais e suas conexões cósmicas.

Conversando sobre ancestralidades

Os mais variados povos e etnias, como os indígenas no Brasil, não podem ser submetidos a ditames, valores intelectuais, morais, sociais, culturais e econômicos da sociedade ocidentalizada fundamentada na tradição greco-romana-judaico-cristã, somente por não terem seus modos de vida similares aos ditos padrões europeus.

Davi Kopenawa, em sua obra *A queda do céu*, em conjunto com Bruce Albert, mostram que nossa espécie tem o potencial de encaminhar o fim do mundo, como o conhecemos. Lembra que perdermos uma infinidade de culturas, saberes e visões de inúmeras formações humanas. Essas que indicam múltiplas formas de habitar a terra. Local compartilhado por todas/os. Outras visões são necessárias. Talvez as sociedades ditas primitivas, com base econômica nas formas cooperativas tenham lições a nos oferecer. Talvez habitantes da floresta deem suas contribuições às nossas reflexões (Kopenawa & Albert, 2015).

A economia que move em grande medida as sociedades desde os tempos imemoriais, não funciona, ao que nos parece, da mesma forma em todas as épocas e ambientes. Em muitos casos, as relações econômicas ocorriam de forma organizada. Por meio do trabalho tribal, com suas relações de parentescos ativadas. Tendo como princípio a ideia de que não se divorcia vida, alegria, arte, obrigações e que as formas ditas de trabalho tribais não eram alienadas da posse e a sua ligação mística com os meios de produção (Sahlins, 1970). Podendo, inclusive, ocorrer modelos distintos a partir do seu respectivo meio e, até mesmo, de formas concomitantes.

Nesse momento precisamos citar Weber, por meio de Polanyi, quando discordava de uma série de historiadores da economia, que deixavam de lado as formas de economias primitivas. Tratando-as como irrelevantes. Pois está presente nas relações sociais submersa a economia, frisa Polanyi, essa foi a grande descoberta dos trabalhos de campo da antropologia e de historiadores da nossa ancestralidade, em suma quem lida com os vestígios arqueológicos. Os humanos não agiriam para salvaguardar seus interesses individuais, mas sim a sua situação social, seu patrimônio é o social e não o da acumulação individual. As relações sociais tinham papel fundamental na vida econômica das sociedades ancestrais (Polanyi, 2000; Mithen, 2005), ver Figura 3.

Os primeiros habitantes da terra nova, conhecida como América, eram notórios caçadores e coletores (Sanders & Marino, 1971), bem como os inúmeros povos ao redor do mundo no período para além dos 6 ou 10 mil anos atrás (Leroi-Gourhan, 2001). Seus específicos modos econômicos baseavam em atividades comuns que combinavam permuta e reciprocidade, muito viva na consciência dos povos ditos primitivos (Ramos, 2008, p. 25). Essas sociedades eram pequenas, sem grandes armazenamentos, no que Mindlin chama de “forma de produção mais difusa”, cabendo o conceito de autogestão, em práticas coletivas na apropriação de recursos (Mindlin, 1984, p. 92).

É sabido que todos humanos, desde a pelo menos 100 mil de anos atrás, dispunham das mesmas condições de conhecimento (Morin, 2005:96), mentais (Berwick & Chomsky, 2017, p. 81) e,

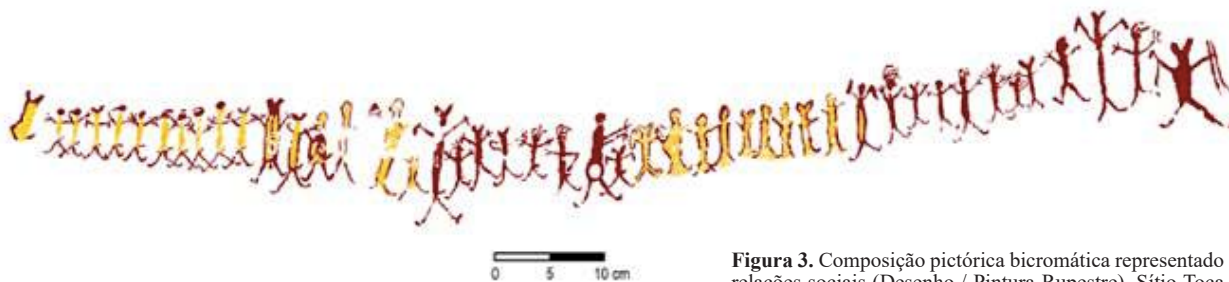


Figura 3. Composição pictórica bicromática representado relações sociais (Desenho / Pintura Rupestre). Sítio Toca do Caboclo do Angical, PNSC, PI. Fonte: Buco, 2012.



que no momento, somos exatamente o mesmo animal que éramos há, no mínimo, 50 milênios; simplesmente sabemos mais agora do que sabíamos antes (Leakey & Lewin, 1988:154). Em outras palavras os nossos ancestrais eram tão inteligentes como nós atualmente (Zerzan, 2006, p. 7).

No parque piauiense há escavações, que demonstram os usos dos sítios com, talvez, mais de 50 mil anos (Guidon, 1998, p. 40). Assim, o que ocorreu em terras brasílicas foi o mesmo que em outras partes do mundo. Se existem leis a serem seguidas em alguma parte, existe em todas as partes. Sejam elas econômicas ou de outras ordens, conforme é arguido por Tylor (citado por Godelier, 1981, p. 89).

O conhecimento se acumula através das tradições culturais, baseado, inequivocamente, nas transmissões por meio das mais

diferentes formas universais das linguagens socioculturais humanas (Leakey & Lewin, 1988, p. 179), a distância material que divide as sociedades afluentes do século XXI da dos mais antigos conhecidos, por falta de outras identidades mais adequadas, como coletores-caçadores, não é equivalente a uma distância intelectual inata.

Não existem argumentos válidos que diminuam ou depreciem o modo de vida de ajuntamentos humanos pretéritos. Os ocupantes das Américas caçavam para garantir, em partes, a sua provisão e seu sustento. Incontestavelmente, grupos humanos do período pré-colonial, nas Américas, não se utilizavam apenas das caçadas para sobreviver, pescavam (Morgan, 1973; Diegues, 1999, p. 61) e coletavam frutos subsidiando e aperfeiçoando sua dieta (ver Figuras 4 e 5).



Figura 5. Caça coletiva. Toca da Serrinha I, PNSC, Piauí. Fonte: Gabriel Oliveira 2018.

Figura 4. A coleta do mel. Sítio Toca do Paraguai, PNSC, Piauí. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

De forma equilibrada com o meio ambiente, exploravam as múltiplas potencialidades dos diversos ecossistemas da região do parque, e é possível verificar o sucesso adaptativo da colonização, vida social e econômica desses primeiros ocupantes. Economia e sociedade estariam entrelaçadas intrinsecamente nas relações da espécie humana (Gaiger, 2021). Existem sinais de vida econômica equilibrada entre os modernos grupos caçadores coletores sua referência (Sahlins, 2007). Foram encontrados vestígios de uma série de animais (como roedores, tatus, preás, mocós, aves, veados), além de frutos e folhas demonstrando a utilização de recursos variados (Guidon, 1998). Todavia, em inúmeras situações, na ausência de animais, utilizavam outros meios de alimentação e sustento provindos do que coletavam e ou pescavam (Fladrin & Montanari, 1998). Gerando inúmeras formas de relacionamentos entre grupos proporcionados pelas permutas do excedente.

Repartir o fruto das caçadas e ou das coletas coletivas era essencial e natural, ao menos para alguns dos grupos ancestrais

Dividir seus resultados de expedições tribais se tratavam de ações de economias comunais recorrentes entre os nossos ancestrais (Polanyi, 2000). Essas práticas, chamamos de igualdade, viver no grupo significava ter acesso aos mesmos recursos, havendo, ao menos, acesso e consumo dos mesmos bens. Não que não houvessem diferenças, mas essas eram menores do que em relação às sociedades rigidamente hierarquizadas (Mindlin, 1984).

Em busca de conseguirem realizar seus interesses os grupos ancestrais necessitavam ampliar seus territórios a explorar e essas sociedades foram muito bem-sucedidas, ao menos antes das agricultoras. Desenvolveram uma maior sociabilidade e cooperação graças a terem que investir em novos e mais amplos territórios. Com a cooperação aumentamos a produção. Garantindo alimentação para quem estava impossibilitado. Diminuiu a quantidade de vezes que era preciso sair em grupo. Cooperar foi essencial para o sustento dos grupos (Leakey, 1982).

No PNSC é notório a presença de quatro temas recorrentemente

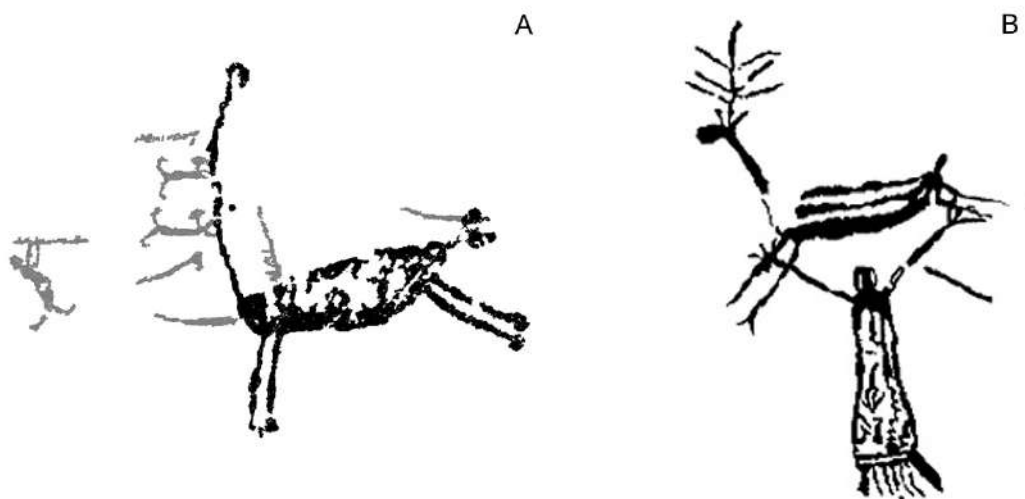


Figura 6. Desenhos de arte rupestre representando a relação entre humanos e animais. A) Cena de caça coletiva a um felino (onça?). Toca do João Arsená, PNSC, PI; B) Cena de antropomorfo segurando um cervídeo (veado galheiro?). Toca do Pinga do Boi, PNSC, PI. Fonte: Buco, 2012, p. 438- 439.

globais (Mithen, 2005). Pelo fato de sermos animais sociais, normalmente, e, em vários momentos históricos, ao menos parte, nossos pares, compartilhavam o que obtinham. Partilhar era um comportamento que contribuía para facilitar as nossas adaptações aos mais diferentes, por vezes inóspitos, locais, geografias e meios (Leakey, 1982).

Opostamente ao que alguns pesquisadores já afirmaram, como Braidwood citado por Sahlins, os grupos pretéritos, ou conhecidos como caçadores coletores, teriam tido melhores oportunidades de vida, lazer, momentos de descontração, convivência familiar, muito além do que ser similar ao que se caçava, mudando de local de moradia a todo momento. Não era essa, certamente, a vida dos nossos ancestrais (Sahlins, 2007).

Aspecto esse partilhar a caça verificado em pesquisas arqueológicas, tomando como exemplo, suas cenas dessas ações coletivas inscritas nas rochas (Belarmino, 2019) e as de divisão do resultado (Justamand, 2015) manifestadas nas pinturas rupestres (ver Figura 6).

durante 6 mil anos (que se estendem entre 6 e 12 mil anos atrás), quais sejam, dança, práticas sexuais, manifestações rituais em torno de árvores e caça (Guidon, 1998).

Em todo mundo existe uma recorrência de pinturas rupestres apresentando episódios de caças – sendo algumas delas com a representação de vários humanos na mesma ação coordenada e em outras é possível notar que o animal foi abatido ou alvejado. Ainda existe a possibilidade do uso de gaiolas para capturar animais desejados e redes para esse fim (Mithen, 2005). No PNSC é possível verificar redes (ver Figura 4), nas mãos de mulheres, que podem ter sido usadas para os mesmos fins, indicados por Steven Mithen, em outras partes do mundo (Justamand, 2015). Inclusive queremos lembrar que as contribuições das mulheres foram muitas. Por serem fortes, certamente, diferente do que já foi escrito, poderiam ter oferecido inúmeras subsídios aos mais diversos trabalhos, como caçar por exemplo (Patou-Mathis, 2021).



Figura 7. Cena da rede, Toca da Entrada do Pajaú, Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.



Figura 8. Cena do ritual da dança da árvore. Sítio Toca do Baixão do Vaca. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

Durante muito tempo acreditou-se que as caçadas plasmadas nas rochas tinham o intuito mágico-religioso de garantir a derrota animal. Mas tinham múltiplas funções para os mais diferentes usuários, produtores das artes rupestres ou não, muitos que vieram depois, pois para todas/os elas apresentam os fazeres cotidianos como dançar, relações sexuais, andar, partos, coleta entre outros exemplos (Mithen, 2005). É possível intuir que, muito provavelmente, a economia era mista, por misturar ao menos dois desses aspectos em benefício dos grupos, como a caça e a coleta (Leakey, 1982).

Já as artes seriam uma forma de memória coletiva planetária, tendo em vista, sua presença em todos os continentes. No Brasil está espalhada por 26 estados, somente no Acre, ainda não foram encontradas. Elas teriam, supomos, a capacidade de guardar por várias gerações sucessivas, os seus desejos, projeções, visões, a

importância dos atos lúdicos, como dançar e se relacionar com o seu entorno composto pelo meio ambiente dos nossos ancestrais (ver Figura 8). Ali burilaram o que nos deixaram de heranças para construir essa reminiscência grupal (Krenak, 2019).

No nordeste brasileiro, mas não só, onde há uma longa produção artística ancestral, indubitavelmente confirmada pelos inúmeros sítios rupestres espalhados por toda região, são apresentadas inúmeras narrativas sobre o modo de vida e o dinamismo social e cultural dos grupos caçadores e coletores viventes na região (Scmitz, 1984). As primeiras sociedades ali instaladas já mantinham relações econômicas extremamente dinâmicas.

As pinturas rupestres oportunizam, a partir das nossas análises e interpretações, a identificação de inúmeras cenas de caças, profusas relações sociais e sexuais (ver Figuras 9 e 10).



Figura 9. Cena de sexo, Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

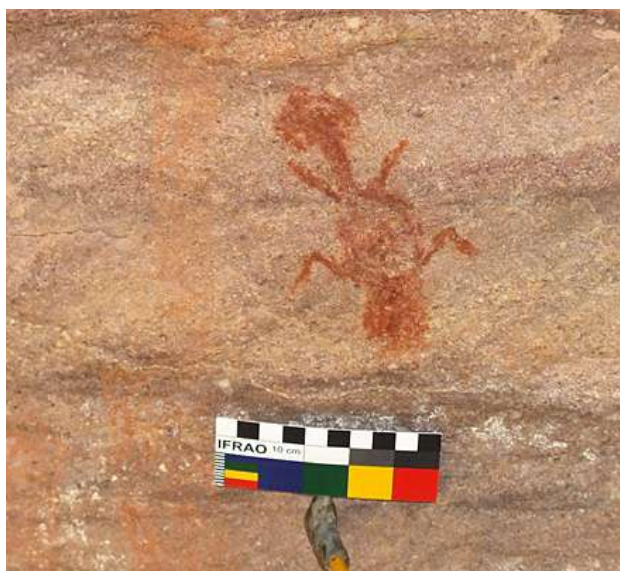


Figura 10. Cena de sexo, Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

Fundamentados neste pressuposto, a recorrência de uma determinada representação rupestre, nos sugere que as suas atividades sociais e de caçadores ocorriam com certa frequência (Almeida, Rampaneli & Etchebehere, 2017). Parece-nos, até mesmo, que os grupos caçadores coletores mantinham uma boa relação de convivência e harmonia salutar com o meio que os circundavam. Teriam até tornado a vida mais fácil, desde que tendo água e caça garantidas. Eles aparentam ser preguiçosos aos olhos externos, mas evidentemente não o são (Sahlins, 2007).

Mesmo com muitos afazeres laborais, atrelados às suas necessidades econômicas, os grupos ancestrais tinham tempo de lazer e prazer, amplamente traduzidos nos registros artísticos do período. Para a confecção das representações do cotidiano na arte rupestre, era necessária uma considerável organização do tempo social – da feitura das tintas ao registro das cenas nas rochas. Segundo a nossa ótica, tornou-se necessário o investimento de um determinado grupo social no registro artísticos de suas práticas sociais, culturais e econômicas.

Ressaltamos que, certamente, houve situações em que alguém ou um determinado grupo gravaram as suas representações artísticas ou cotidianas por cima dos temas anteriores, confeccionando, assim, as suas novas e próprias temáticas. As diversas cenas pintadas atestam a complexidade e o seu ritmo de vida. Dedicavam muito mais tempo do que imaginamos ao lazer, ao prazer e aos momentos de descontração.



Figura 11. Cena de zoofilia, Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

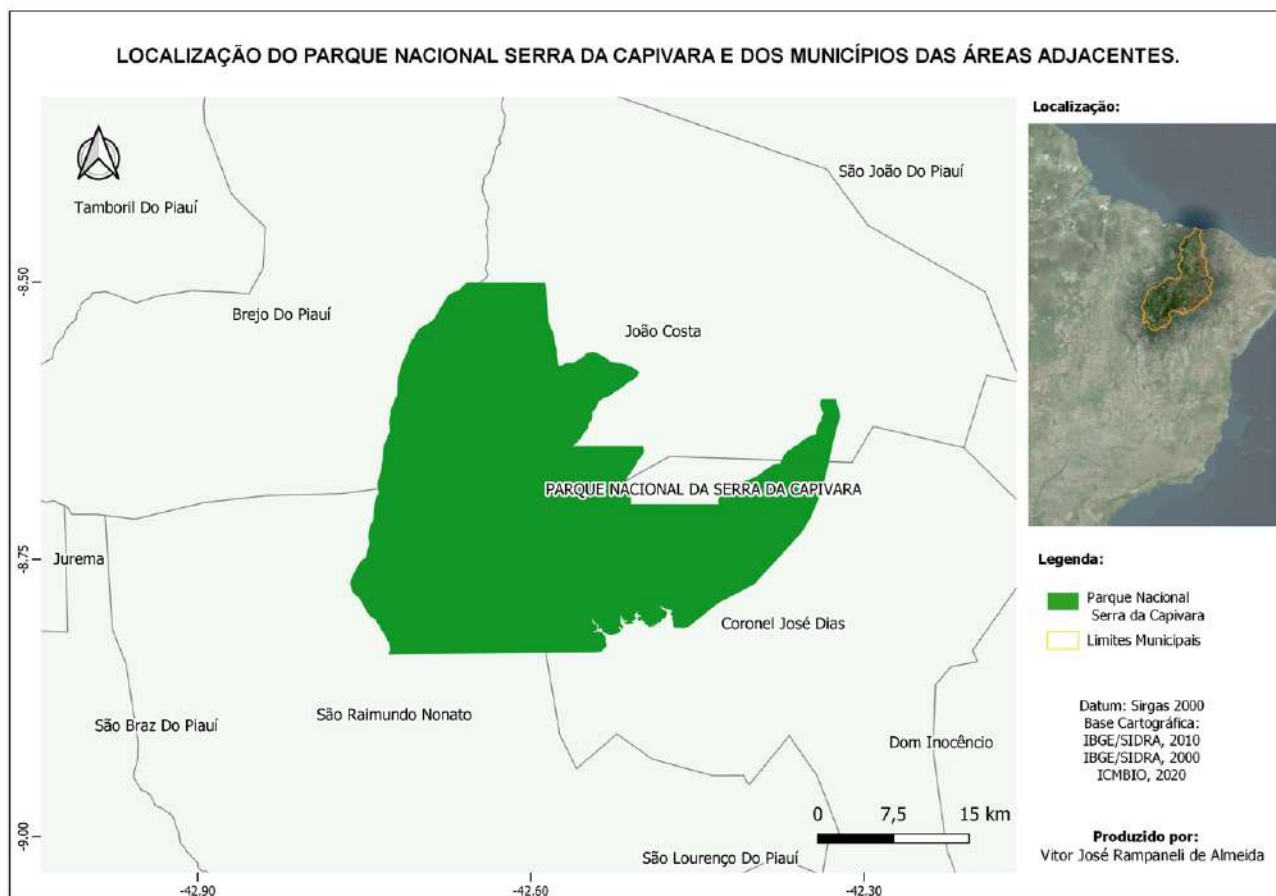


Figura 12. Localização do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Fonte: Vitor José Rampaneli de Almeida, 2021.



Figura 13. Vista parcial do Sítio do Meio onde se vê o suporte pictórico, a escavação e a infra-estrutura turística, PNSC, PI.
Fonte: Vitor José Rampaneli de Almeida, 2009.

O PNSC – PI e a economia

O PNSC-PI (ver Figura 12), é a fonte fundamental para se compreender a vida e as relações econômicas dos primeiros ocupantes do Brasil (Pessis, 2013). Nas áreas adjacentes ao parque, existe uma concentração muito grande de sítios arqueológicos com pinturas rupestres de valor inestimável (ver Figura 13), tais gravuras possuem, segundo Justamand (2015),

variadas funções, que revelam que a vida diária dos primeiros ocupantes do país era muito dinâmica, fornecendo indicativos de que houve história, educação, lúdico ancestral, socialização, comunicação e religiosidade em tempos remotos da história do Brasil. Ao que tudo indica, o cotidiano das comunidades pré-históricas do Nordeste não se resumia em apenas lutas constantes pela sobrevivência e por questões econômicas. As análises das artes rupestres indicam que os povos ancestrais viviam



Figura 14. Cenas de Convivência Social, Sítio do Meio, PNSC, PI. Fonte: Rampaneli de Almeida (2009).

intensamente e tinham prazer em viver (ver Figura 14).

Provavelmente entre estes habitantes a relação de “desejo” era outra se comparadas a nossa relação de anseio sobre objetos e de necessidades. Não viviam na sociedade do “ter”, e sim, no ímpeto de “ser”.

Para Mauss “o homem econômico é uma construção burguesa pós-industrialização”, citado por Sahlins (1978). Dessa forma, para nós, os iniciais habitantes do Brasil, muito antes de 1500, tinham sim relações econômicas, não de imposição de uns sobre os outros, mas de cooperação. Não eram relações comerciais, ou ainda escravista, como se conhece. As relações, chamadas de econômicas, se devam por meio de troca e reciprocidade, a partir da sua caça, coleta e ou pesca (Meillassoux, 1976).

Pescar, inclusive, contribuiu para dinamizar e ampliar os espaços usados por nossos antepassados, tanto para habitar quanto para encontrar suas formas de alimentação, isso ocorreu em diversas parte do mundo (Morgan, 1973; Riviere, 2002). Sem deixar de esquecer das suas formas de cooperação social entre esses grupos caçadores (Godelier, 1981), que lhes proporcionavam fartura de alimentos, baseado nas apreciações e ponderações de campo de Sir George Grey, Sahlins nos mostra que haveria extrema abundância alimentar nas moradias dos grupos caçadores coletores, sociedade cinegéticas, dos interiores mais inóspitos, aos olhares europeus, na Austrália (Sahlins, 2007). Assim devem ter ocorrido com os antigos habitantes da América.

Nos momentos, de caça, coleta e ou pesca, ampliavam suas relações familiares e socioeconômicas fundamentais para a cooperação, conseqüentemente, para a manutenção da vida desde e dos mais diferentes tipos de trabalhos em tempos pretéritos, mas não só (Sahlins, 1970).

Nesses contextos, as pinturas rupestres lhes eram úteis, indicavam alguns procedimentos, como estudantes de frente para uma lousa de escola, as rochas apontavam momentos, saídas, alternativas a construção grupal dos atos a serem tomados. Entre esses atos estariam, por exemplo, os de que forma, quando e onde caçar, coletar e ou até mesmo pescar, como proceder socialmente quando ocorressem excedentes na produção e de divisão de farturas (Diawara, 1973).

Nas sociedades ditas primitivas, conhecidas por serem caçadoras e coletoras, os grupos humanos não produziam mais que o necessário. Não trabalhavam mais porque não precisavam. O trabalho, gerador dos bens econômicos necessários a vida, era ajustado de acordo com o que precisavam e não ao contrário (Clastres, 2014).

Existiam alimentos em abundância entre os povos caçadores coletores ancestrais (Leakey, 1982; Mithen, 2005), em outras partes do mundo, algo que deve ser recorrente, conforme apontam as pesquisas arqueológicas e etnográficas nas áreas do parque. E tudo era dividido, inclusive o trabalho e seus resultados (Guidon, 2004). São frequentes as representações de festas e cerimoniais para comemorar os bons êxitos nas caças, na coleta e ou na pesca. Foram encontrados registros rupestres onde cenas transparecem a divisão de animais entre as pessoas, algo que sinalizaria a solidariedade entre os membros das comunidades locais (Justamand, 2015). A cooperação e divisão dos recursos, ao que nos parece, era uma questão importante para diversas sociedades tribais (Sahlins, 1970). Como foi a depoimento da senhora quilombola, as pessoas põem em prática a reciprocidade generalizada nos momentos de falta de alimentos, para além das suas esferas sociais (Riviere, 2002).



Figura 15. Cena de animais andando em bando. Toca da Serrinha I, Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

O ato de caçar e o acompanhar os mais diversos animais e de tamanhos diferentes (ver: Figuras 15 e 16), sendo que os pequenos são os mais representados nos vestígios encontrados (Mithen, 2005), como sendo uma das atividades cotidianas dos grupos, se pode notar nas cenas de pinturas rupestres, que ilustram essa situação de relação próxima, imbricada e constante. Sahlins lembra que era possível, baseado nos diagnósticos etnográficos, manter até mesmo um artista em tempo integral, tendo em vista que as caçadas e ou coletas proporcionariam um alívio nas preocupações econômicas (Sahlins, 2007, p. 125). Tais cenas são, facilmente, vistas nas rochas e em grande quantidade no PNSC (Buco, 2012; Belarmino, 2019; Justamand *et al.*, 2020). Representariam, possivelmente, o que se caçava, como e onde, tal ato era provavelmente a garantia uma “dieta adequada”, com as taxas de proteínas necessárias para o desenvolvimento cognitivo e para desempenho das diversas atividades rotineiras (Gomes, 2008). Além de serem úteis para outros momentos, posteriores, por serem estocadas para os períodos de entressafra (Sahlins, 1978).



Figura 16. Caça coletiva, Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

Dividiam o território ocupado de acordo com as necessidades do grupo e do período. A questão econômica é base de muitas relações humanas, direta ou indiretamente. Faz as sociedades se movimentarem. Não seria diferente entre os primeiros habitantes do Brasil. Mesmo que por meio de ou baseada nas trocas, eram questões econômicas, como ocorria em outras partes do globo ancestralmente (Mithen, 2005). A facilidade de adaptação humana ao meio ambiente é a chave para se compreender esta situação. Novas fontes energéticas poderiam suprir novas necessidades (Sahlins, 1966). Frutas e vegetais eram suas fontes básicas e principais fontes alimentares (Zerzan, 2006).

As pinturas rupestres ao longo do tempo de suas produções,



Figura 17. Coleta do mel. Toca da Serrinha I, PNSC, Piauí. Fonte: Gabriel Oliveira, 2018.

mutaram seus traços, incorporaram signos relativos ao momento histórico, com outras fontes de energia. Com novos objetos do “desejo”. Aproveitavam os recursos naturais com maestria (ver Figura 17). Além de estarem à disposição de quem quer e ou precisasse pegar (Sahlins, 2007). Animais como tatu, preás, mocós, aves, veados e roedores diversos (Guidon, 1998) são visualizados pintados nas rochas do PNSC. Lá há outros animais, visíveis nos abrigos rupestres, notadamente as preguiças e capivaras gigantes, que poderiam ter sido além de caçados e temidos.

Passam a caçar e pintar os animais de pequeno porte. Usavam de outras formas de extração alimentar, como a exploração aquática e a domesticação incipiente de plantas. Manejar estas plantas com desenvoltura lhes permitia melhores condições de vida.

Desde há muito tempo, as sociedades sapiens, com a colaboração decisiva das mulheres, adquiriram formas de alimentação variadas, baseadas em múltiplas fontes, como plantas, raízes, folhas, frutas, insetos, carne e ossos. Para Marylène Patou-Mathis a caça instauraria relações de ajuda mútua e de complementaridade entre os indivíduos. E que em alguns lugares do Brasil ancestral, só as mulheres desempenhavam a atividade caçadora, era uma arte transmitida de geração a geração, das mães para as filhas (Patou-Mathis, 2021).

Diferentemente do que muito ainda se afirma a respeito do início da agricultura como sendo especialmente um feito da região do Crescente Fértil, reivindicamos para as Américas os mesmos desdobramentos do conhecimento humano

socioeconômico, tendo essas terras revelado pleno potencial de criação, domesticação e desenvolvimentos culturais relativos a proliferação de saberes.

Após um processo de acertos e erros, ao que nos parece, os primeiros habitantes das américas, em especial os do Brasil, possuíam conhecimentos mínimos agrônimos, que lhes permitiram, como os outros sapiens africanos ou eurasiáticos, caminhar na direção do conhecimento da domesticação, mesmo que em baixa escala. Contribuindo com a custeado a vida em grupo. Pois além de caçar, coletar e pescar, plantavam e, provavelmente, desde há muito tempo, domesticavam alguns animais e plantas.

Notadamente a redistribuição foi um princípio seguido ancestralmente. Aspecto econômico seguido para conseguir distribuir a produção alimentar entre os partícipes dos grupos. Foi uma metodologia adotada pelas sociedades ditas primitivas. Provavelmente, alguém com características sociopolíticas de liderança, ao menos em alguns momentos, teria as condições de redistribuir os bens adquiridos nas suas expedições ou em outros momentos de afazeres que resultassem em fontes alimentares. A redistribuição também era uma elaborada divisão do trabalho enredado em relações sociais (Polanyi, 2000).

Redistribuir é ação solidária. A solidariedade dos povos ditos primitivos não era algo mecânico, era socialmente aceito, necessário, reivindicado. Esses grupos humanos estevariam unidos de forma histórica e não biológica (Diawara, 1973). Por motivos de suas relações históricas é que se solidarizavam com os seus pares. Não porque tivessem uma obrigação biológica. Essa forma de agir solidária é cultural, adquirida, logo ela é permanente e indefectível nas sociedades ditas primitivas (Diawara, 1973).

Encaminhando a conversa

É preciso, urgentemente, rever a história nos grandes manuais que ainda creditam aos primeiros humanos somente relações “irracionais”. Há, ao contrário, muita racionalidade entre os nossos ancestrais de tempo imemoriais. Reciprocidade e trocas contribuíam para amplificar as suas relações socioculturais e socioeconômicas (Riviere, 2002). De modo a se ampliarem, melhorarem e transformarem oxigenando a vida, em redes de contatos sociais, que tinham (Clastres, 2014).

Outra história desses povos precisa ser contada. Apontamos, ao menos, uma hipótese, de que a economia ancestral era baseada em amplos relacionamentos socioeconômicos, em distribuição, redistribuição, reciprocidade e trocas (Sahlins, 1970). Mas também, não podemos deixar de lembrar que a economia das ditas sociedades primitivas era composta de uma tremenda diversidade (Riviere, 2002). Uma economia de inúmeras misturas compoendo seu caldo de relacionamentos, de rede grupal e intergrupal. Mostrando uma excelente forma de relação solidária entre diferentes grupos (Diawara, 1973).

A reciprocidade, por exemplo, não é apenas um privilégio, mas é sim e antes de tudo um dever dos indivíduos e entre os grupos. Esse princípio – o da reciprocidade – é o de como atuaram os primeiros humanos, em especial para acudir, em especial, filhas/os, mulheres e idosas/os das suas famílias. Tal princípio salvaguardava a produção da subsistência familiar e as suas fontes alimentares (Polanyi, 2000). Aproveitamos para salientar que o conceito de autossustentência, foi tratado por

Claude Meillassoux, da seguinte forma, é quando as sociedades exploram os recursos naturais a seu alcance, sem precisar de recorrer ao comércio e buscam se satisfazer com tais recursos (Meillassoux, 1978).

Vale lembrar a interpretação de Richard Thurnwald, que livre do desejo de ganhar dinheiro e desejando apenas obter bens necessários ou desejados carecem do que constitui, para nós, atualmente, a essência do comércio: o lucro (Thurnwald, 1937). Aquelas sociedades não se moviam pela lucratividade extrema. Mas por outros valores, como o investimento nas ampliações das redes de relações sociais, amizades, momentos com a família, descanso e ao ócio (Souza, 2002) tinham espaços nas contas desses nossos ancestrais no lugar do ganho. É preciso manter essas redes de solidariedades ativas, desde tempos antigos, em nosso território, entre os povos nativos (Krenak, 2019).

Pois, dessa forma, todos desfrutam dos prazeres de uma vida mais amena. Sendo que as relações familiares seriam a base de onde partem as primeiras formas de reciprocidade, ampliando para outras camadas sociais e também para grupos externos à família. Ou seja, são por meio dos laços de parentesco que se baseiam as atividades econômicas (Nash, 1966; Souza, 2002). Mostrando a necessidade de repartir como um aspecto importante das vidas das primeiras sociedades humanas (Zerzan, 2006). Pensar no futuro. Sabendo que quem reparte, compartilha e divide, tem um “estoque”, pois não é preciso ter muito só o suficiente para o bem-estar (Clastres, 2014). Partilhar comida era central nas vidas sociais de caçadores e coletores em toda parte (Mithen, 2005).

A reciprocidade é ainda uma forma de garantir a própria sociedade e sua inteireza. Lembrando que, provavelmente, as sociedades igualitárias ou simples, outros nomes/conceitos para as sociedades dos famosos caçadores/coletores, usavam/usam apenas o que os meios ecológicos oferecem, como entre os bembas, da Rodésia (Nash, 1966). Por esse motivo ecologia e economia tem relação com o compartilhar o espaço ou a casa onde vivemos, a única casa que ainda temos, a terra (Gomes, 2008).

A economia da dita sociedade primitiva, sejam elas/es caçadores e coletores, ou outros nomes que tenhamos para lhes indicar, foi constituída para garantir uma vida digna aos seus participantes, dessas sociedades cinegéticas (Meillassoux, 1978). Ou ainda, como sociedades onde cada um tem/possui segundo sua necessidade (DIAWARA, 1973, p. 176). Dedicando, inclusive, poucas horas do dia ao que se dá o nome de trabalho, realizando suas atividades econômicas, lembra Clastres baseado nas pesquisas de Sahlins. Crianças, idosos e doentes estavam fora do empenho geral dos grupos (Clastres, 2014).

É certo que nos últimos séculos, desde o surgimento do que se convencionou chamar de economia do mercado ou capitalismo, ou algo que o valha, todos os sistemas econômicos conhecidos foram organizados pelos princípios da reciprocidade ou redistribuição, ou domesticidade³, ou alguma combinação dos três, até o fim do feudalismo, na Europa Ocidental (Polanyi, 2000). Assim, foram os sistemas econômicos construídos pelos nossos ancestrais em terras ameríndias, ao que nos parece, conforme é observado entre os Guarani, segundo pesquisas antropológicas de Arno Hern (Souza, 2002). Baseados nas pesquisas etnográficas, arqueológicas e antropológicas suscitadas, anteriormente, esses teriam sido os princípios econômicos utilizados nas Américas, mas não só.

Algumas características da economia ancestral, no Brasil,

são notadas nas pinturas rupestres. Deve ter sido dessa forma em outras paragens, a reciprocidade, a redistribuição, as trocas, as relações sociais e familiares podem e devem ser consideradas econômicas apresentando contributos para, a partir delas, termos outros olhares para esses povos ancestrais ditos primitivos de tempos imemoriais e até aos grupos atuais.

Acreditamos que esses exemplos socioeconômicos ancestrais sejam úteis para melhorarmos nossas relações hoje. A arte, inclusive, pode ter sido o último refúgio dos repositórios dos pensamentos e saberes ancestrais, baseado nas sugestões de Lévi-Strauss (citado por Davi Kopenawa e Bruce Albert, 2015, p. 534).

A história da sociedade brasileira, como lembra Krenak, é incapaz de acolher os descendentes de seus habitantes originais. Promovendo práticas desumanas para modificar seus modos de vida. Buscando apenas que eles/as tenham claro o seu lugar adequado cooperar e colaborar com o sucesso de um projeto voltado para a exaustão da natureza (Krenak 2019). Algo que as sociedades ditas primitivas, baseadas em outras formas de agir, não tem essa mesma pretensão, nem em terras brasileiras nem em outras, desde tempos imemoriais.

Talvez, um dos exemplos mais contundentes das sociedades cinegéticas, para as outras, é nunca transformar impulsos materialistas em uma instituição. Ou seja, nunca colocar os desejos de ampliação das relações materiais e acumulação em uma verdade e conquistas das suas vidas e sim o contrário, garantir que a vida mais simples, sem acumulação seria a melhor saída. Garantindo mais tempo livre para outras atividades, como repouso, brincadeiras, visitar familiares, sexo, dança. (Sahlins, 2007; Mithen, 2005).

Considerando finalmente

Lembremos ainda, baseados nos escritos de Sahlins, que os caçadores-coletores têm uma visão otimista de sua situação econômica. Tem sim momentos de dificuldades, ocasionalmente. Mas não passam fome por falta de alimentos a serem divididos, compartilhados, distribuídos. Se pensarmos que uma parte significativa da população humana dorme com fome, entre os antigos habitantes do mundo essa parcela deveria ser bem menor, tomada pelos exemplos dos grupos caçadores coletores modernos, observados em diversas pesquisas de campo (Sahlins, 2007).

Retomamos aos epígrafes, o de Marc Bolch, para salientar que se faz necessário compreender o passado. Ou ao menos tentar, como arriscamos nesses escritos. Para, quem sabe, termos a possibilidade, de sairmos da ignorância. Essa que tem sido reverenciada, atualmente. Desejamos que nossa sociedade mundo tenha um futuro melhor, mais igualitário, fraterno, diverso, multifacetado e, finalmente, onde caibam todas/es/os. Talvez como já fora em tempos imemoriais a vida humana e seus modos econômicos. Já o de Richard Thurnwald nos mostra que a estabilidade primitiva permanece uniforme, que os povos ancestrais mantiveram alguns traços das suas culturas econômicas e das quais podemos tirar exemplos importantes a seguir.

Não podemos concluir esses escritos sem frisar, por meio das reflexões de Ailton Krenak, a importância de termos vínculos profundos com as nossas memórias da ancestralidade, referências que nos dão suportes e sustentação a uma identidade. Ficaremos loucos neste mundo maluco que compartilhamos (Krenak, 2019).

Notas

1. O Parque Nacional foi criado em 1979 para proteger uma área de 130 mil hectares, ainda coberta pela caatinga virgem, na qual se encontra a maior concentração de sítios pré-históricos da Américas. Entre eles, o Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada forneceu os mais antigos vestígios da presença humana nas Américas. Mais 946 sítios de pinturas rupestres, 206 sítios de pinturas e gravuras, e 80 sítios de gravuras e pinturas rupestres, de grande riqueza narrativa para reconstituir a vida dos povos que ali viveram desde há 100 mil anos (Guidón, 2014a, 2014b; Maranca, 2014).
2. Vale ressaltar, em grupos pretéritos pertencentes a períodos **muito** recuados, “a reciprocidade é considerada ‘forte’ pela associação de duas predisposições: a) a cooperar, ou seja, quando um indivíduo reduz a sua aptidão biológica em favor daquele para o qual o seu comportamento se dirige, sem que haja expectativa de reciprocidade; b) a punir aqueles que não se comportam cooperativamente, mesmo quando não se é alvo direto do comportamento egoísta, que pode manifestar-se de diferentes modos. A reciprocidade é dita ‘fraca’ quando o comportamento cooperativo tem por base uma expectativa de reciprocidade em interações repetidas entre dois indivíduos” (Abrantes, 2014, p. 291).
3. 1. Estado de doméstico. 2. Conjunto de criados e criadas.=CRIADAGEM. 3. Familiaridade. Ver: <https://dicionario.priberam.org/domesticidade>

Referências

- Abrantes, P.C. (2014) Conflito e cooperação na evolução humana. *Ciência & Ambiente*, 48, 289-301.
- Almeida, V. J. R.; Rampaneli, A. M. & Etchebehere, M. L. de C. (2017). *Ambientes pré-históricos: uma interpretação das pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara*. São Paulo: Prismas.
- Belarmino, V. da Silva (2019). *Caçadores da pré-história. Recorrências temáticas nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PI*. Embu das Artes: Alexa Cultural e EDUA: Manaus.
- Berwick, R. C. & Chomsky, N. (2017). *Por que apenas nós? Linguagem e evolução*. São Paulo: UNESP.
- Buco, C.A. (2012). *Arqueologia do Movimento. Relações entre Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente, da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. (Tese de Doutorado). UTAD – Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro, Pós-Graduação em Quaternário, Materiais e Culturas, Vila Real, Portugal.
- Buco, C.; Ignácio, E. & Fidalgo, M. (2010). Arquitectura, Concreta e Abstrata, da Pré-história ao período do contacto: Interpretação e comparação de algumas pinturas rupestres do P. N. Serra da Capivara com arquitectura indígena brasileira atual. Em N. Guidon, C. Bucu &, M. Abreu (Eds.), *Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009. FUMDHAMentos IX(4)*, 1285-1302. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.
- Buco, C.A., Oliveira, G.F., Justamand, M., Almeida, V.J.R., Gomes Filho, A.S. & Belarmino, V.S. (2020). O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Pi, Brasil. *Revista Memória em Rede*, 12, 245-273.
- Clastres, P. (2014). *Arqueologia da violência. Pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Nay.
- Diawara, F. (1973). *Manifesto do Homem Primitivo*. Lisboa: Futura.
- Diegues, A. . (1999). A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Revista Etnográfica*, III(2), 361-375.
- Etchevarne, C.A., Costa, C.A., Comerlato, F. & Bezerra, A. (2011). Monumentos arqueológicos de arte rupestre na Bahia. Em C. Etchevarne & R. Pimentel (Orgs.), *Patrimônio Arqueológico da Bahia – Série Estudos e Pesquisas* 88 (p. 47-76) Salvador: SEI.
- Fladrin, J.L. & Montanari, M. (1998). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Gaiger, L.I.G. (2021). A reciprocidade e a instituição plural de mercados: um prisma para entender o papel histórico da Economia Social e Solidária. *Nova Economia: Revista do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG. Belo Horizonte, UFMG/FACE/DCE*, 31(1), 157-183.
- Godelier, M. (1981). *Antropologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais 21. São Paulo: Ática.
- Gomes, M. (2008). *Antropologia*. São Paulo: Contexto.
- Guidon, N. (1991). *Peintures préhistoriques du Brésil: l’art rupestre du Piauí*. Paris: Editions Recherches sur les civilisations.
- Guidon, N. (1998). As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). Em M. Carneiro de Cunha (Ed.), *História dos Índios no Brasil* (p. 37-52). São Paulo: Cia. das Letras.
- Guidon N. (2004). Carta de Niède Guidon. Arqueólogo do futuro. Carta maior. Agência de notícias. 17/09/2004. www.agenciacaratamaior.uol.com.br
- Guidon, N. (2014a). A Fundação Museu Homem Americano e o Parque Nacional Serra da Capivara: um relato sucinto de quatro décadas de pesquisas. Em A-M. Pessis, N. Guidon & G. Martin (Eds.), *Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. Vol. A* (pp. 26-44). São Paulo: FUMDHAM, Ispis Gráfica e editora.
- Guidon, N. (2014b). O Pleistoceno Superior e Holoceno Antigo no Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno: as ocupações humanas. Em A-M. Pessis, N. Guidon & G. Martin (Eds.), *Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. Vol II-B* (pp. 444-452). São Paulo: FUMDHAM, Ispis Gráfica e editora.

- Junqueira, C. (2019). *Os índios de Ipavu*. São Paulo: Alexa Cultural/Manaus: EDUA.
- Justamand M. (2015). *O Brasil desconhecido: As pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*. Embu das Artes: Alexa.
- Justamand M., Oliveira, G.F., Almeida, V.J.R., Santos Junior, V., Queiroz, A.N. Belarmino, V.S. & Gomes Filho, A.S. (2020). Os caçadores da pré-história nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí, Brasil. *Revista Memória em Rede*, 12, 274-297.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Leakey, R. (1982). *Origens. O que novas descobertas revelam sobre o aparecimento de nossa espécie e seu possível futuro*. São Paulo: Melhoramentos.
- Leakey, R. & Lewin, R. (1988). *O povo do lago*. Brasília: Editora da UNB.
- Leroi-Gourhan, A. (2001). *Os caçadores da pré-história*. Lisboa: Edições 70.
- Maranca, S. & Martin, G. (2014). Populações pré-históricas ceramistas na região da Serra da Capivara. Em A-M. Pessis, N. Guidon & G. Martin (Eds.), *Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara* (pp. 480-511). São Paulo: FUMDHAM, Ipsis Gráfica e editora.
- Meillassoux, C. (1976). *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Afrontamento.
- Meillassoux, C. (1978). Pesquisa de um nível de determinação na sociedade cinegética. Em E. de Assis Carvalho (Org.), *Antropologia Econômica* (p. 85-99). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas.
- Mindlin, B. (1984). Comunitário ou coletivo: um caso tribal. *Revista de Administração de Empresas (Rio de Janeiro)*, (24)3, 87-92.
- Mithen, S. (2005). *Depois do gelo. Uma história global 20000-5000 a.C.* Rio de Janeiro: Imago.
- Morgan, L.H. (1973). *A sociedade primitiva*. Porto: Presença.
- Morin, E. (2005). *O método 3. O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina.
- Morreira, E. (2001). *Desigualdade e caminhos para uma sociedade mais justa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Oliveira, G.F. de. (2018). *Similaridades e diferenças no complexo estilístico Serra talhada da tradição nordeste de pinturas rupestres no Parque nacional Serra da Capivara-PI: um estudo de caso*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.
- Patou-Mathis, M. (2021). *El hombre pré-histórico es también una mujer*. Barcelona: Penguin Random House.
- Pessis, A-M. (2013). *Imagens da Pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara. Images de la Préhistoire; 2ª edição ampliada e atualizada*. São Paulo: FUMDHAM.
- Polanyi, K. (2000). *A grande transformação. As origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus.
- Ramos, G. (2008). *Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho*. Brasília: Conselho Federal de Administração.
- Rivière, C. (2002). *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- Sahlins, M. (1966). A cultura e o meio ambiente: o estudo de ecologia cultural. Em S.Tax (Ed.), *Panorama da Antropologia* (p. 100-110). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- Sahlins, M. (1970). *Sociedades tribais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sahlins, M. (1978). A primeira sociedade da afluência. Em E. de Assis Carvalho (Org.), *Antropologia Econômica* (p. 7-44). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas.
- Sahlins, M. (2007). *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Schmitz, P. I. (1984). *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. São Leopoldo: UNISINOS.
- Souza, J. O. C. (2002). O sistema econômico nas sociedades indígenas Guarani pré-coloniais. *Horizontes Antropológicos*, 8(18), 211-253.
- Zerzan, J. (2006). *Futuro Primitivo*. Porto Alegre: Deriva.

